

DEPOIS DA CURVA DO RIO



ERNANI FAZZI

Copyright © Ernani Henrique Fazzi

Todos os direitos reservados. Disponível em:
ernanifazzi.com

Brasil – 2016



Era uma vez uma peixinha chamada Penélope.
Ela morava num lindo rio de águas claras e frias.

Como a maioria das crianças, Penélope fazia um montão de perguntas sobre o porquê das coisas. Ela adorava dialogar com o avô, um velhinho sábio e simpático:

— Por que a correnteza anda pra baixo e não pra cima?

O avô sorria e explicava tudo com o maior carinho. Aí Penélope se empolgava e mandava outra dúvida:

— Por que a minhoca cavaca a terra?

Novamente o avô esclarecia e ela continuava a interrogar:

— Por que as flores são cheirosas e o cocô é tão fedorento?

O avô da Penélope se alegrava em mostrar a ela como é fantástico o mundo ao nosso redor:

— Tá vendo aquele buraco entre as pedras?

— Sim, vovô!

— É a casa de um perigoso predador. Um camarada enorme, bigodudo, bundudo e barrigudo. O malandro fica na tocaia, pronto para devorar os curiosos que...

— Uau...! — Penélope interrompeu. — Vamos espiar o esconderijo dele?

— Você endoidou, menina? Esse troglodita nos engole com uma bocada só!



Ao lado do avô, a pequena Penélope se sentia protegida e feliz.

Ela o amava com pureza de coração e desejava tê-lo sempre por perto.

Mas já estava chegando o dia em que ele viajaria para um suposto lugar encantado que fica depois da curva do rio.

Ninguém sabe exatamente o que existe após a curva. Isso é um Grande Mistério.



Quando a Penélope tentava conversar com o avô a respeito do Mistério além da curva, ele logo alertava:

— É melhor focarmos o aqui e agora.

Penélope insistia. Porém o avô se recusava a tocar nesse assunto.

≈

Ele acreditava que a Vida é um milagre e que devemos aproveitar com prudência cada minuto adicional que ganhamos de *presente*. E costumava repetir uma frase curta e bela:

— O tempo foge.

O avô da Penélope também dizia que somos como bolhas de ar que surgem do fundo do rio e desaparecem no instante em que atingem a superfície da água. E acrescentava:

— Embora o ar persista, as bolhas esbarram num limite físico e se rompem.

Poucos compreendiam o significado desse ensinamento.

Todas as manhãs, assim que acordava, Penélope corria pela casa verificando se o avô ainda continuava lá.

Ao encontrá-lo, geralmente tomando café com broa de fubá e lendo poesias, ela o abraçava emocionada.



Não foi por acaso que Penélope se apegou ao avô.

Na época em que era bebezinha, um grupo de pescadores capturou seu pobre pai. Ele estava contente e distraído na porta da maternidade, comemorando o nascimento dela. Então lançaram uma rede e o puxaram. Que tragédia!

≈

Nosso cotidiano é marcado por acontecimentos ruins, dolorosos, difíceis de aceitar. E não há nada pior do que a separação radical de pessoas que se amam. Ou que poderiam se amar.

Algumas separações a gente consegue impedir. Entretanto é impossível escapar à enigmática curva do rio. Cedo ou tarde seremos obrigados a virar a curva. E quem vai não volta nunca mais.

Passou o inverno, a primavera, o verão, até que numa enluarada noite de outono o avô da Penélope foi levado de ambulância para o hospital, gemendo de dores no peito. A médica que o acolheu exigiu uma bateria de exames e concluiu que a saúde dele estava muito debilitada. De fato ele iria partir.

Penélope disparou a chorar.

Sua mãe a deitou no colo, lentamente acariciou-lhe o rosto e comentou:

— Cuidarei de você.

Penélope segurou as lágrimas e completou:

— E eu cuidarei da senhora e da vovó, do jeitinho que o vovô pediu.

Um jovem enfermeiro orientou os familiares da Penélope a se reunirem num jardim onde são realizadas as cerimônias de despedida.

— Posso ajudar meu avô a arrumar as malas? — ela indagou.

— Não será necessário, minha querida! — a mãe respondeu.

— Por quê?

— Para percorrer a curva é exigido o máximo de leveza. Basta o peso do próprio corpo.

No local indicado havia uma porção de parentes e amigos que compareceram para dar adeus ao avô da Penélope. Despistadamente ele cochichou no ouvido da neta que gostaria de falar com ela por último. E se justificou:

— Quero te mostrar algo importantíssimo.

— Caramba!

Bastante apreensiva, Penélope sentou num banquinho de madeira para aguardar aquelas que talvez seriam as palavras finais de seu avô.

Enquanto ele batia papo com os convidados, ela começou a observar um detalhe curioso no comportamento dos adultos: quase todos evitavam olhar em direção à curva. E a curva estava ali, bem na frente deles.

De repente o policial que vigiava a entrada da curva tocou uma sirene e abriu o portão. O povo ficou paralisado, de cabeça baixa, em completo silêncio. O avô da Penélope acenou com a barbatana esquerda, solicitando que a neta se aproximasse. Os dois seguiram rumo à curva e pararam no meio do caminho, antes do portão.

— Resta-me um único minuto — o avô informou.

— Não!!! — gritou Penélope.

Com um semblante manso e confiante, o avô ponderou:

— Espero que você aprenda a se defender dos semeadores de ilusões.

— O que são semeadores de ilusões? — ela questionou.

— São indivíduos que buscarão roubar de você as oportunidades de enxergar o óbvio.

— E o que é o óbvio?

— Preste atenção no que acontecerá comigo.

O avô da Penélope beijou a testa dela, cruzou o portão, coçou a cabeça, tomou fôlego, virou a curva e sumiu.

FIM